

A VIDA CIDADINA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO: O SUJEITO COMO PARTE INTEGRANTE DA PAISAGEM URBANA. HISTÓRIA E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA.

Mestre João Eratóstenes Doulgras Cardoso¹
doug-eras@hotmail.com

UFG – Faculdade de História/PPGH

Texto recebido em / Text submitted on: 11/01/2016

Texto aprovado em / Text approved on: 22/03/2016

Resumo: A pesquisa em curso leva o historiador pesquisador a lidar com as diretrizes e percalços que a fonte oferece. Pedro Nava nos oferece, suas memórias. Nossa pretensão é representar os anos vinte do último século, para tal, nos apropriaremos de Beira-Mar (1978) que das seis obras é a que mais enfatiza esse período. Percebe-se o quanto o sujeito pertence ao meio e como ele o envolve fazendo-se parte do próprio espaço. O memorialista que passeia pela cidade e em sua rememoração nos descreve seu espaço físico torna-se além de sujeito das memórias um agente histórico. Nos vestígios de sua obra trabalharemos com o objetivo de representar sua vida cidadina e por consequência a sua história, a de seus contemporâneos, suas rupturas e transformações em choque com o tradicional. Para essa análise nos apropriaremos dos conceitos benjaminianos, como narrativa, memória e história.

Palavras-Chave: Memória, Narrativa, Sentido e Literatura.

ABSTRATY: This text aims to discuss and present some concepts that guide the historian's craft. Ongoing research leads the historian researcher to deal with guidelines and mishaps that the source provides. Pedro Nava offers us as a source memories, our intention is to represent the twenties of the last century, for such in apropriaremos Beira-Mar (1978) that the six works is that more emphasis this time. It can be seen how the subject belongs to the medium and how it involves the making up part of his own space, the memoirist who walks through the city and their recall describes the physical space becomes subject beyond the historical memories agent . In the trace of his work will work in order to represent their city life and consequently its history and the history of its contemporaries, its ruptures and transformations in shock with the traditional. For this analysis we apropriaremos benjaminianos concepts and their epistemological.

KEYWORD: Memory, Narrative, Meaning and Literature.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) Faculdade de História. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira (UCAM) e graduado em História (UEG). Este texto pertence a pesquisa em andamento que será avaliado pelo PPGH-UFG. O assunto em destaque está inserido em um projeto maior de estudo do qual o texto em questão faz parte. A pesquisa segue sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Menezes com financiamento da CAPES.

A leitura de um texto memorialístico nos reserva alguns desafios. Um deles sem dúvida é a temporalidade, na perspectiva da lembrança ou do tempo lembrado. O tempo em que se está recordando – presente – e o tempo lembrado – passado – podem se confundir no ato da rememoração, tanto o memorialista que projeta um tempo em outro, quanto o leitor em sua apropriação temporal da obra. A análise de uma obra assim nos cumula de um cuidado já alertado por Rancière, quando escreve em “O Conceito de Anacronismo e a Verdade do Historiador” (2011), que o grande pecado do historiador é querer roubar de seu tempo o próprio tempo.

O tempo revela sua verdade própria. Anacronias são modos de conexões que levam um significado de seu tempo para um outro. Nos estudos memorialísticos encontramos, sobretudo nas memórias autobiográficas, essa confusão temporal. Por muito, os memorialistas projetam seus desejos e anseios de uma forma saudosa no tempo de outrora, aquilo que é desejo pessoal e afetivo. Contudo, cabe ao historiador no trato com a fonte saber dosar e extrair sua historicidade, por mais que tenha a subjetividade do indivíduo das memórias, esse mesmo documento não pode ser retirado de um tempo e um espaço e ser descartado, como seu sujeito não pode ser ignorado como agente histórico.

É certamente a tarefa do historiador descobrir fatos e relações que não são conhecidas por ele, e que não são inventadas por ele. Esperamos que os historiadores engajem na pesquisa, ponderem possibilidades alternativas e organizem evidências... (MANDELBAUM, 2000 p.414).

A escrita da história, que se preocupa com dar sentido ao tempo histórico, estuda e trabalha com as ações humanas intencionais, ações essas que serão enquadradas em um espaço temporal. Entretanto, é necessário fugir da linearidade e compreender que as relações devem ser pautadas com elementos de maior duração. A noção linear da explicação historiográfica confere ao historiador uma linha que traça uma série de elos de uma cadeia temporal.

Nesse prisma, a relação de construção de sentido está na ação do antecedente para o conseqüente. Todavia, a proposta para uma nova construção de sentido para a produção histórica está ligada ao todo. Para isso, o estudo de uma fonte deve seguir uma análise de um padrão complexo de mudanças nos fatores que servirão para torná-la precisamente o que aquela fonte foi. Os fatos existem simultaneamente, o presente seja

ele o nosso ou a da fonte é um caos, cabe ao historiador juntar os fatos que coexistem e escrever a história.

Obviamente, não se deve descartar elementos importantes como tempo, lugar, datas, influências. O que é relevante pensar é que todos esses elementos, juntos, constituem uma única história, o historiador no ato de seu ofício é que tem a tarefa de encontrar fatos e evidências, podendo assim organizá-las na escrita da história. É por esse caminho da não linearidade, da busca pelo todo, e da busca por sentido, é que iremos nos debruçar sobre a obra de Pedro Nava na procura da história do Brasil da década de vinte do século XX.

Para Certeau em *A Escrita da História* (2011) toda pesquisa histórica articula-se com um lugar, chamado de lugar social. O historiador, nesse aspecto, torna-se um detetive, um colecionador, onde seu ofício lhe permite selecionar, recortar e estabelecer seu próprio sistema de referência. O *Flâneur*² benjaminiano, observador da metrópole pode então ser comparado à Nava, que organiza o tempo vivido por ele, seus amigos, familiares e até mesmo seus desafetos, sua boemia e a transição cultural ocorrida no Brasil, tudo isso por meio de suas memórias. Esse Nava *flâneur* da modernidade é quem nos desvenda a sociedade brasileira em suas mais variadas nuances.

Os fatos obtidos nas fontes pela pesquisa adquirem sentido próprio, para Rüsen, em *Reconstrução do Passado: os princípios da pesquisa histórica* (2007), esse sentido se constitui na conexão que a narrativa estabelece com o tempo ao articulá-lo. Nesse sentido, o uso da literatura se respalda na articulação entre espaço – cidade – e passado – memória – na qual a literatura possibilita a formatação de um saber histórico, considerando seus elementos políticos, linguísticos, culturais, que possam ser

² Personagem de Baudelaire usado por Benjamin para representar a perda da experiência na sociedade moderna. *Flâneur* (pronuncia-se: [flanur]), a partir do *flâneur* substantivo francês, significa "andarilho", "vadio", "saunterer" ou "vagabundo". (Embora uma tradução mais apropriada fosse "um observador apaixonado"). *Flânerie* se refere ao ato de caminhar, com todas as suas associações acompanhamento. O *flâneur* é, antes de tudo, um tipo literário do século XIX, França, essencial para qualquer imagem das ruas de Paris. Ele carregava um conjunto de associações ricas: o homem de lazer, o tensor, o explorador urbano, o conhecedor da rua. Foi Walter Benjamin, com base na poesia de Charles Baudelaire, que o objeto de interesse acadêmico no século XX, como uma figura emblemática da experiência urbana (moderna). Após a obra de Benjamin, o *flâneur* tornou-se uma figura importante para acadêmicos, artistas e escritores.

ponderados na construção de relações sistemáticas por meio de um trabalho com base no conhecimento histórico e de análise literária.

É sob o signo da associação de ideias que está situada numa espécie de curto-circuito entre memória e imaginação: se essas duas afecções estão ligadas por contiguidade, evocar uma – portanto, imaginar – é evocar a outra, portanto, lembrar-se dela. Assim, a memória, reduzida à rememoração, opera na esteira da imaginação. (RICOUER, 2008 p.25)

Pensar a representação por meio da memória é também se esbarrar em suas falhas. A imagem construída vai sofrer alterações porque o espaço representado por Pedro Nava vai ser descrito a partir de seu ponto de vista. O fato existiu. Belo Horizonte passou por mudanças nos níveis sociais, políticos e econômicos que interferiram no modo de vida da sociedade mineira, todavia, quem o conta coloca seu ponto de vista, neste caso a Belo Horizonte que estudamos é a cidade afetiva do memorialista.

Além, muito além disso, ainda tem a subjetividade do sujeito das memórias, sua própria confusão temporal. Nava está na década de 70 descrevendo a década de 20. O que pode ser só imaginação? O que pode ser só desejo do autor? Ninguém de nós pode responder, só podemos ler e analisar sua obra e produzir uma representação do espaço urbano por meio de sua narrativa.

A representação que o sujeito das memórias Pedro Nava realiza de seu tempo está descrito em sua obra, Falcon em seu texto “História e Representação” (2000) é bem enfático quando diz que cabe ao pesquisador realizar as correspondências com o real através de mediações no decorrer de sua pesquisa. A ciência deixa de ser um simples diálogo do real com seu espelho e passa a desempenhar um papel fundamental na construção do sujeito. Etimologicamente, representação nos remete a fazer presente ou apresentar de novo. Pressupõe uma atividade cognitiva em relação aquilo que está ausente e o rerepresentar como presente.

Como lidamos com literatura, ou seja, a arte da escrita, é importante salientar que para Walter Benjamin (1989) a arte deve ser encarada como representação do real. A literatura nos remonta, mesmo que trabalhando o ficcional, um cenário, e é este cenário que a narrativa naviana remonta que nos permite analisar os traços e elementos de uma transição cultural brasileira, mas especificamente em Belo Horizonte. A história como lugar de experiência leva sentido ao presente, o tempo vivido reflete o tempo de agora. A narrativa de Pedro Nava atende o desejo benjaminiano de fugir da reprodutibilidade técnica dando vida ao presente e abrindo assim suas novas possibilidades.

A proposta de história a contrapelo desenvolvida por Walter Benjamin norteia nossa pesquisa na perspectiva de construção de um espaço urbano que se apropria de um todo, e assim pensa o passado como elemento de inteligibilidade para o presente. Escovar a história é representá-la em todas as suas nuances, fugir da imagem que se prende apenas aos vencedores e trazer os vencidos para a cena histórica, e por esse caminho produzir um saber histórico que se aproxime de uma totalidade em um tempo e espaço.

A fuga da linearidade e da experiência vazia da modernidade se apresenta nas narrativas de Pedro Nava, quando em suas memórias notamos que não há preocupação em construir uma linha evolutiva de suas experiências. As memórias de Nava não se deixam seduzir pela continuidade. Para Benjamin, a virtude do historiador consiste em se opor à tirania do real, nadar contra ondas da história e em saber lutar contra elas, neste aspecto, escovar a história é vê-la não apenas por um prisma linear, mas em seus vários fragmentos.

Os caprichos de minha narrativa, certas analogias, algumas associações, muita estória puxa estória vieram me trazendo até os albores de 1924 antes que eu desse por findo tudo que teria de dizer sobre 1922 e 1923. Tinha de ser assim, para narrar meus estudos e a formação do grupo de estrelas. Para fazer um relato absolutamente cronológico teria de cair no que tenho evitado que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, parar, voltar (NAVA, 1978. p.178).

As memórias de Nava se valem de cacos recuperados de uma observação atenta do concreto. Fragmentos que se sobrepõem, ora hierárquica, ora caoticamente, num movimento intermitentemente técnico de montagem que se assemelha à “constelação” benjaminiana. A memória boêmia do memorialista mineiro, assim como a do *Flâneur*, se constrói nos detalhes oferecidos pela cidade. A rua, os becos, os bares, tão importantes para o *Flâneur*, tornam-se o espaço narrado que ressalta a leitura de Belo Horizonte enquanto cidade em transformação. Esse olhar fisiologista da cidade de Nava a descreve em seu esplendor e em sua tragédia.

Frankenstein compra ou rouba restos mortais aos quais vai dar vida e o memorialista também vivifica o que já morreu. Mas para o narrador das memórias o passado não é matéria morta, é onde vive e é só o que vive nele. (BUENO, 1997, p. 733)

A construção do espaço urbano nas memórias de Pedro Nava está inserida no princípio da não casualidade, da abertura de possibilidades de interpretação do sistema político-cultural do povo mineiro que ali vivia a Belo Horizonte dos anos vinte. Quando Nava retorna a Belo Horizonte em 1921, após morar no Rio de Janeiro, até 1928 passa a

fazer parte de um grupo de intelectuais modernistas³ que marcam não apenas sua escrita, mas também sua forma de pensar e narrar sua história.

São contundentes em sua escrita tanto as transformações físicas, descritas pelo memorialista, quanto o choque de valores da sociedade mineira numa década marcada por transformações não somente aqui no Brasil, mas em todo o mundo. Essas transformações relatadas pelo o memorialista não se refere apenas em relação ao espaço urbano, pois no momento de sua escrita Belo Horizonte já não eram mais como no momento de sua lembrança, os termos usados pelo memorialista e seus contemporâneos também sofrem alterações, assim como o próprio agente da narrativa.

Após se aposentar Pedro Nava começa a redigir suas memórias no ano de 1968. Suas memórias tratam de suas experiências pessoais, além da vida socioeconômica do Brasil de 1890 a 1980⁴. Fala de quase tudo, educação, saúde, urbanização e é claro sobre a vida intelectual brasileira, sobretudo, a de Minas Gerais com o “grupo de estrelas⁵” formado por modernistas mineiros. Como um mosaico, o espaço brasileiro é descrito pelo autor em sua minuciosa topografia.

A cidade de Belo Horizonte se torna o berço do modernismo em Minas Gerais, a cidade percorrida pelo memorialista respirava aspectos que estavam no centro das discussões dessa corrente de pensamento. Sobretudo, no que diz respeito em relação a

³ O modernismo foi um movimento literário e artístico do início do séc. XX, cujo objetivo era o rompimento com o tradicionalismo (parnasianismo, simbolismo e a arte acadêmica), a libertação estética, a experimentação constante e, principalmente, a independência cultural do país. A partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna caracteriza-se por um maior compromisso dos artistas com a renovação estética que se beneficia pelas estreitas relações com as vanguardas europeias (cubismo, futurismo, surrealismo, etc.), na literatura há a criação de uma forma de linguagem, que rompe com o tradicional, transformando a forma como até então se escrevia; algumas dessas mudanças são: a Liberdade Formal (utilização do verso livre, quase abandono das formas fixas – como o soneto, a fala coloquial, ausência de pontuação, etc.), a valorização do cotidiano, a reescritura de textos do passado, e diversas outras; este período caracteriza-se também pela formação de grupos do movimento modernista: Pau-Brasil, Antropófago, Verde-Amarelo, Grupo de Porto Alegre e Grupo Modernista-Regionalista de Recife.

⁴ Na obra Baú de Ossos (1973) Pedro Nava descreve seus antepassados. O título já é uma alusão àquilo que já não está mais vivificado. Por isso, podemos perceber em sua obra aspectos de um tempo anterior ao seu nascimento. Nesta obra narra como sua família chega a Minas, algumas diferenças sociais de seus avós maternos e paternos e seus ranços escravocratas.

⁵ Deste grupo faz parte: Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Emílio Moura, Milton Campos, João Pinheiro Filho, Gustavo Capanema, João Guimarães entre tantos outros. Esses “garotos” como foram chamados por Pedro Nava se encontravam constantemente no Bar do Ponto na Rua da Bahia para conversarem sobre arte e política no Brasil. Configuram-se como os expoentes do modernismo em Minas Gerais.

aspectos tradicionais de nossa sociedade, alvo de críticas desse movimento, objetivando o nascimento ou consolidação de uma arte genuinamente brasileira.

De 1921 a 1927, Nava viveu em Belo Horizonte sua vida universitária. A semana de Arte Moderna acontece em 1922, logo sua geração seria tomada por essa tendência ao modernismo. Esse movimento procura criar uma nação com caráter universalista, uma nova sociedade que se libertaria das crendices e mitos para ser guiada a luz da ciência e da consciência. Esse choque de perspectivas também nos serve como guias para a leitura das transformações e rupturas ocorridas no Brasil no início do século passado.

Como um fisiologista, Nava usa da sua imensa capacidade analítica e de sua minuciosa observação para recriar a sociedade brasileira em seus hábitos, costumes e porque não dizer em suas rupturas. Afinal, a *Belle Époque* no Brasil – fim do século XIX e início do século XX – é marcado por transformações de grande profundidade na sociedade brasileira. A passagem da população do campo para a cidade, o processo de industrialização do litoral, a imigração, a passagem da mão de obra escrava para a assalariada marcam as transições correntes em nosso país.

A determinação da modernidade como tempo de transição, desde que foi descoberta, não perdeu a evidência de seu caráter de época. Um critério infalível desta modernidade são seus conceitos de movimento – como indicadores da mudança social e política e como elementos linguísticos de formação da consciência, da crítica ideológica e da determinação do comportamento. (KOSELLECK, 2006 p. 303)

Desta forma, podemos entender a modernidade em um movimento que é próprio dela, Belo Horizonte passa por essas transformações sociais e políticas, a linguagem, ou melhor, os termos alteram com a mudança do ritmo da vida citadina, os valores mudam com a sociedade capitalista e urbana. É nessa constante mutação que se insere Pedro Nava. É nessa constante mutação que o mineiro Nava se descreve em suas memórias autobiográficas. Essas mudanças atingem o espaço físico da cidade e o indivíduo que dela faz parte.

E é pela memória familiar que Pedro Nava entra no universo brasileiro. Suas descrições suaves e encantadoras das tradições familiares ultrapassam o simples espaço familiar do memorialista e espelha toda a sociedade mineira. Nava destrói para construir, recompõe para compor, sua percepção do espaço apresenta uma percepção aguçada. A composição de suas memórias parte desta visão dos cacos do espaço para a

construção de um todo. Pedro Nava foi acima de tudo um observador que reúne em si um tempo pessoal e um tempo social.

Quando se analisam conceitos passados cujos termos ainda poderiam ser os nossos, podemos ter uma ideia das esperanças e anseios, das angústias e sofrimentos dos contemporâneos de então. E mais, tornam-se manifestos, para nós, a extensão e os limites da força enunciativa dos testemunhos linguísticos do passado. (KOSELLECK, 2006 p. 268)

O próprio espaço das experiências, como afirmado na citação acima, pode ser apreendido conceitualmente dentro de uma análise linguística onde o passado é efetivamente articulado na linguagem das fontes. Os conceitos históricos não são meras palavras que não exercem sentido. Pelo contrário, os conceitos são palavras que apreendem um sentido, e é esse sentido que guarda as expectativas passadas que nos possibilita uma leitura histórica de um tempo por meio da linguagem.

A descrição de Nava das mudanças na Rua da Bahia revela-nos as mudanças de prédios públicos, como, por exemplo, a troca do prédio da Caixa Econômica Federal pelos Correios. Para além das mudanças físicas, os termos, como citado acima, mudaram seu valor ou até mesmo seu sentido, tomemos como exemplo, o termo “descer” que ao ser usado no alto da ladeira da Rua da Bahia, lugar dos justos e puros, dava o sentido de não apenas descer a ladeira, mas sim ir ao puteiro e se deitar com uma prostituta, “deitar”, que aliás significava manter relações sexuais com uma das meninas que ali ganhavam a vida.

Belo Horizonte, diga-se de passagem uma cidade planejada, para Vanda Vale (2013) em “Memória de Pedro Nava: documentos sobre urbanização, saúde e doenças”, se torna ícone da Belle Époque brasileira. O caráter urbanístico da cidade atende a propostas das elites do período como modelo de organização positivista na hierarquização do espaço. A cidade respira aspectos modernos em colapso com o tradicional.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação é a luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre os observadores diferentes. (LYNCH, 2011 p. 7)

A cidade vista por Pedro Nava estava em uma realidade de transição. O autor, observador desse cenário também era parte fundamental dessa realidade. O sujeito da memória identifica as ideias e valores que norteiam seu meio e a partir dessa leitura

filtra as informações que o cenário urbano lhe oferece atribuindo-lhe significado. Pedro Nava descreveu por sua ótica a Belo Horizonte modernista com novas propostas de urbanização, política e intelectualidade, sem deixar de revelar um Brasil de regime federalista, agroexportador e recém-liberto da escravidão, embrenhado por uma nova perspectiva iluminista em um sopro que nos levou a capitalismo.

É notório que o homem se interage e se cria com sua paisagem. Sente-se identificado com essa paisagem e por vezes se nega a deixá-la. Essa vivência e interação com o espaço habitado cria uma série de referências que revelam imagens que dão sentido a vida daqueles que ali vivem. Nosso mecanismo perceptivo apreende e confere significado aos detalhes por mais distante que seja daquele que olha de fora. Por isso, entrar no mundo de Nava é perceber a sua Belo Horizonte.

Para a leitura da cidade vista e vivenciada por Pedro Nava suas memórias nos servirá de guia, como uma espécie de mapa afetivo do memorialista. A memória individual não está isolada de seu contexto social. Na evocação de seu próprio passado o sujeito preenche algumas lacunas de suas lembranças, se reportando a conceitos e elementos estabelecidos não apenas por si mesmo, mas também por sua sociedade, as chamadas convenções.

Nesse sentido, é claro e nítido a interferência de valores externos ao sujeito na construção de suas memórias. Seguindo esse aspecto, justifica-se que a memória individual de Pedro Nava nos auxilie na leitura de seu complexo urbano, sua memória pessoal não se desassocia de sua memória social.

A partir desse ponto podemos perceber como o homem interage com seu meio.

A partir de relatos de antropólogos, por exemplo, deduzimos que, em geral, o homem primitivo é profundamente ligado a paisagem em que vive; ele distingue e dá nomes às suas partes menores. Os observadores se referem à grande profusão de nomes de lugares, mesmo em países desabitados, e ao extraordinário interesse pela geografia. (LYNCH, 2011 p. 139)

A memória autobiográfica receberia assim auxílio da memória histórica, já que nós estamos inseridos numa história maior. A rememoração trabalha com a função de resgatar o passado, sabemos, porém que a história não é todo o passado, nem tampouco, tudo que resta dele. A história escrita só recebe sentido porque traz consigo a história vivida, essa história é salva do esquecimento pela lembrança no ato da rememoração.

Um dos meios para o exercício da rememoração é o que Pierre Nora no texto “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” (1993) classifica como lugares de memória, que podem estimular as lembranças passadas por meio de

correspondências entre passado/futuro. Os lugares de memória são meios pelos quais grupos sociais mantêm (ou forjam) suas lembranças, heróis, personagens etc. A rememoração é o processo de busca do passado vivido, no qual a memória é sempre presente, ela tem o poder de trazer o tempo de outrora para o agora.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contratos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho... para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinquenta, sessenta anos a lembrança que lhe chega não como coisa morta, mas viva qual a flor olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente. (NAVA, 1973 p.17)

Pedro Nava no exercício da rememoração liga suas memórias a coisas, o que nos permite evidenciar também a atribuição de uma memória afetiva em seus relatos. O lembrar de, não é somente acolher uma imagem do passado, é também buscá-la. Assim como Walter Benjamin andava por Moscou, Nápoles e outras cidades, e ali projetava sua Berlim dos anos vinte, também Nava ao passear por Belo Horizonte, já nas décadas de sessenta e setenta via as mudanças que o espaço sofria, entretanto, os lugares, praças, bares, avenidas, suscitavam as memórias de sua juventude.

Em um trecho da obra *Beira Mar* (1978) Pedro Nava nos mostra a relação temporal da memória. Entre documentos recebidos já na sua velhice, que o autor julgava perdidos numa queima de papel velhos que ficaram na pensão da *Madame*⁶, seu amigo Drummond lhe entrega um conto, texto esse que o autor julgava ruim, e não sentia pela sua perda. Entretanto, quando o recebe Nava nos escreve assim:

Fique indignado com o Aníbal, resolvi privar o mudo de minhas obras-primas e meti tudo numa gaveta da escrivaninha de onde elas desapareceram misteriosamente. Revolvi céus e terras a sua procura. Nada. Tinham sovertido, entrado chão adentro. Conforme eu soube muitos anos depois, as laudas tinham sido confiscadas pela Dona Diva, incineradas, conforme ela própria me contou já aqui no Rio, pouco antes de morrer. Eu não podia deixar aquelas porcarias na gaveta Du móvel de seu pai e debaixo do mesmo teto de suas irmãs. Santa Dona Diva! Porque você não queimou? Também os originais *De um homem que não existe*, verdadeira merda que saiu na "Ilustração Brasileira" em maio de 1923.

⁶ Dona de uma pensão onde Pedro Nava debatia com alguns amigos sobre o modernismo em si e discutia textos de autores consagrados, como por exemplo, Emili Zola. Nava e seus amigos, entre eles, Joaquim Cavalcanti, Paulo Machado, Isador Coutinho, entre outros, e é claro Zozó, morador da pensão, não sabiam seu nome, por ser francesa, "era simplesmente chamada de Madame" (NAVA: 1978 p. 85), dona de grande simpatia, organiza um ambiente acolhedor e alegre Madame era bem quista por todos, só não se preocupavam em saber seu verdadeiro nome.

Com o passar dos tempos comecei a ter horror desse cadáver no armário e julgava meu crime prescrito quando imaginem! Correndo em 1975, em casa de Plínio Doyle, o Drummond, malicioso, me passa um envelope. Talvez você goste de possuir essa obrinha. Descerei. **Era meu conto! Trouxe para casa com a intenção de matá-lo outra vez, desta feita, enterrá-lo. Antes resolvi reler. Perdi a coragem, não rasguei, guardei com amor porque aquela tolice tinha com ela uma ou outra coisa sofrida e preciosa: um ar de meus vinte anos e de sua estética balbuciante**⁷... (NAVA, 1978 pp. 86/87).

Nesse momento em que o memorialista pega seu conto de volta, ele tem o mesmo desejo de 52 anos antes, contudo, aquele desejo de desfazer-se daquele “crime prescrito” fica sucumbido pela lembrança viva de seus vinte anos. A rememoração por meio daquele envelope entregue por Drummond faz Nava sentir os anos vinte em plena década de 70. O ato da rememoração traz o passado ao agora, revelando quem era o Nava de antes e quem era o Nava no agora. A plenitude da rememoração.

As correspondências que o autor faz de seu tempo de agora com suas lembranças é capaz de revelar não só sua juventude como também a história de sua sociedade. Não se trata aqui de olhar o lugar e querer o tempo que se fora, mas sim de olhar pra esse lugar e revelar sua aura no agora. Como afirma Gallie em “Narrative and historical understanding” (1964), não é o tempo de agora que precisa do amanhã, mas sim o hoje que necessariamente precisa do ontem para se tornar inteligível.

Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila. (BENJAMIN, 1989 p. 107)

Ao recompor, com detalhes de imagens sensoriais, os cenários urbanos da vivência passada, tanto no Rio quanto na própria Belo Horizonte, as memórias de Nava superam os limites da autobiografia individual e reproduzem, em dimensão coletiva, o choque de poderes, saberes e desejos que configurou a sociedade brasileira do período conhecido como entre guerras. Revela-se assim, toda a face de uma sociedade em um espaço físico e temporal.

O historiador na abordagem da fonte é o responsável por construir sentido. Os fragmentos, os detalhes, são dispostos como afirma Walter Benjamin em um mosaico no

⁷ Grifo nosso.

objetivo de se chegar a um todo. Na perspectiva de Pedro Nava é o Frankenstein que também usa de pedaços para compor um todo. Para a teoria benjaminiana todo fragmento tem valor na construção historiográfica de uma totalidade, os fragmentos estão dispostos na fonte, a construção desse sentido será articulado pelo historiador dando uma espécie de vínculo aos eventos, tornando-os inteligíveis.

A imagem dialética da memória que trabalha no momento do lampejo, desperta o passado no presente em um instante. Em Walter Benjamin o presente determina no objeto do passado o ponto onde divergem sua história anterior e sua história posterior, a fim de circunscrever seu núcleo. A memória afetiva neste aspecto é impregnada por uma carga de vivência de toda uma vida, e é possível que as correspondências de sua juventude encontrem correspondências de sua velhice.

A lembrança da juventude cidadina que por vezes projeta imagens do presente no passado é a conformação da memória afetiva. A memória por mais que vagueie entre uma data ou outra, trabalha na construção de um indivíduo, mesmo que não haja de forma linear, ela constrói o sujeito em um espaço, ou seja, ela organiza o tempo e o espaço vivenciado. A escrita das experiências são capazes de construir limites e produzir marcos histórico.

Na literatura de Pedro Nava, as convenções do tempo lembrado estão presentes em suas memórias. No passado o memorialista vê quem ele é, a memória autobiográfica define o indivíduo pela lembrança sistematizada do tempo de ontem. A rememoração autobiográfica, assim como o historiador, seleciona a lembrança e conduz o sujeito ao seu presente. O conceito de memória em sua condição individual e coletiva tem como consolidação a reprodutibilidade da narração, não é de fato uma relação unilateral, mas sim uma relação que encontra funções diferentes no curso da História. A narração toma em seu corpo uma forma de rememoração, por um autor que transmite a experiência vivida através de suas memórias coletivas ou individuais.

O leitor de Nava se depara com um mapa afetivo de Belo Horizonte que, por sua vez, escancara toda uma sociedade em profunda mutação. Suas memórias são fontes importantíssimas desse período, os vestígios que ali se encontram nos permite compreender a realidade de seu tempo, por consequência de seu meio. Suas memórias não tem a intenção de produzir uma história factual, nem nós de atribuir esse valor a elas. As memórias de Pedro Nava são vestígios de uma época, seus relatos aplicados à pesquisa historiográfica se tornam fontes do período narrado.

Quando o historiador mergulha no passado, ultrapassando suas próprias vivências e recordações, conduzido por perguntas, mas também por desejos, esperanças e inquietudes, ele se confronta primeiramente com vestígios, que se conservam até hoje, e que em maior ou menor número chegaram até nós. Ao transformar esses vestígios em fontes que dão testemunho da história que tentamos apreender, o historiador sempre se movimenta em dois planos. Ou ele analisa os fatos que foram anteriormente articulados na linguagem ou então, com ajuda de hipóteses e métodos, reconstrói fatos que ainda não chegaram a ser articulados, mas que ele revela a partir desse vestígio. (KOSELLEK, 2006 p. 306)

Pedro Nava articulou em sua narrativa as complexidades da vida urbana de Belo Horizonte. Nós historiadores, munidos de conceitos e métodos de orientação, é que temos como missão a historização dessa fonte. Os vestígios históricos, em outras palavras, os fragmentos que compõem aquele tempo de outrora estão narrados e documentados, trazê-los ao presente dando forma e sentido a eles é processo da pesquisa histórica e função do historiador.

Gagnebin em *História e narração em Walter Benjamin* (1994) destaca que, na obra de Walter Benjamin, renunciar ao tempo cronológico é renunciar ao desenvolvimento feliz de uma síntese lisa e sem fratura, nesse sentido, é preciso desconstruir para construir. O mesmo princípio destacado anteriormente em relação ao decompor para compor. Esse labirinto descontínuo, que é a memória, guarda e nos faz voltar ao passado. A rememoração é voltar ao ontem na procura do sentido do hoje. O voltar ao passado de Pedro Nava, mesmo que esse o tenha feito em sua velhice, é voltar a sua juventude e assim revelar todo seu complexo sociocultural.

A filosofia da história de Benjamin insiste em dois componentes da memória. A dinamicidade que submerge a memória individual e restrita, e a rememoração que recolhe as migalhas dispersas do passado para oferecê-las ao presente. O narrador Nava entoa essa nova perspectiva historiográfica da experiência e da descontinuidade. O narrador de Benjamin se realiza nas memórias de Pedro Nava pelo apreço do memorialista ao detalhe, aos estilhaços, à descontinuidade.

O narrador deixa em seus textos imagens de si mesmo e imagens de mundo: “o passado deixou nos textos literários imagens de si mesmo, comparáveis às imagens que a luz imprime sobre uma chapa sensível.” (BENJAMIN, 2009 p. 504). Le Goff em “História e Memória” (1992) diz que a atividade humana, que podemos entender por suas experiências, constrói a história. Nesse aspecto, a vivência da juventude de Pedro Nava em Belo Horizonte representa-nos não apenas um pedaço de sua história, mas também um lugar de história. O sujeito das memórias, que também é o próprio narrador, é acima

de qualquer coisa um agente histórico, como tal suas memórias representam suas experiências, suas experiências representam seu cotidiano, seu cotidiano representa o lugar histórico em que ele está inserido.

A geração de Pedro Nava teve como cenário um mundo marcado pelas relações entre modernidade, movimento urbanizador e vanguarda. Todo significado das imagens citadinas apreendidas através das lições modernistas, ensinadas por Mário e Oswald de Andrade, além de leitura de Nava sobre Proust, Zola e outros, são influências na forma do memorialista perceber e descrever seu cenário. São essas características de figurações das cidades e a presença da defasagem temporal no delineamento da imagem moderna urbanístico-literária, que sugerem a inclusão de outra referência para a leitura das memórias de Pedro Nava.

Dessa forma, percebemos que ler Nava é enxergar um Brasil que se encontra em um contexto de divisão entre a modernização e a tradição. No campo da modernização o cenário se figura com o capitalismo monopolista e a adequação de um novo modelo de sociedade; na esfera da tradição alguns fatores pontuais como a república, a herança da velha ordem escravocrata e a velha elite rural brasileira. Tudo isso se converge para um outro princípio do século XX, a vida na cidade. Após os anos vinte do último século o modernismo e a construção de um estado com uma nacionalidade genuína entra em choque com uma sociedade tradicional ainda enraizada por crenças e mitos em avesso à cientificação e o uso da razão. O que tomado pela perspectiva benjaminiana pode-se dizer que Belo Horizonte se encontra dividida pelo o horror e pela glória da modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

Nava, Pedro. *Círio Perfeito: memórias 6*. Rio de Janeiro, José Olympia, 1983.

_____. *Galo das Trevas: memórias 5*. Rio de Janeiro: José Olympia, 1981.

_____. *Beira Mar: memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympia, 1978.

_____. *Chão de Ferro: memórias 3*. Rio de Janeiro: José Olympia, 1976.

_____. *Balão Cativo: memórias 2*. Rio de Janeiro: José Olympia, 1973.

_____. *Baú de Ossos: memórias*. Rio de Janeiro: José Olympia/Sabiá, 1973.

2) OBRAS GERAIS:

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *O Conceito de Crítica de Arte No Romantismo Alemão* – Tradução: Marcio Seligmann. Ed. 3º; Editora Iluminuras. São Paulo, 2002. Padronizar os títulos na referência se itálico todos em itálico.

_____. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras escolhidas III*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 1994.

BUENO, Antônio Sérgio. *Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*, - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

CANÇADO, José Maria. *Memórias Videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava* - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História – Operação Historiográfica*. Ed. Forense universitária. RJ. 2011.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte. Autentica Editora, 2009.

_____. *O Mundo Como Representação*. Estud. av. vol. 5 n. 11 São Paulo Jan./Apr. 1991.

FALCON, Francisco J. Calazans. *História e Representação*. Revista de História da Ideias – Faculdade de Letras, Coimbra. Vol. 21. 2000.

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- GAY, Peter. Ranke. *O estilo na história*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 63-95.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro : Contraponto : Ed. PUC-Rio, 2006.
- _____. *Progress and Decline: an appendix to the history of two concepts*. In: KOSELLECK, Reinhart. *The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts*. Stanford: Stanford University Press, 2002. p. 70-85.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992
- LYNCH, Kelvin. *A imagem da cidade*. 3º ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LOWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Bomtempo, 2005.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2 N. 3, 1989.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.
- RANCIÈRE, Jacques. *O conceito de anacronismo e a verdade do historiador*. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó-SC: Argos, 2011, p. 21-49.
- RÜSEN, John. *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. (trad. Estevão de Rezende Martins). Brasília: Ed. UnB. 2010.
- _____. *Reconstrução do Passado: os princípios da pesquisa histórica*. (Trad. Asta-Rose Alcaide). Brasília: Ed. UNB. 2007.
- _____. *Rhetoric and Aesthetics of history: Leopold von Ranke*. *history and teory*. 29 (2). 190-204, 1990.